

Textáfria arranca com um projecto de produção de algodão

Dom. 29/9/91

Devido a irregularidade no fornecimento de matéria-prima, particularmente do algodão, o conselho de Administração da Textáfria decidiu levar a cabo um projecto agro-industrial que visa o cultivo daquele produto indispensável à indústria têxtil. — **Estando nós em Moçambique, um dos melhores produtores de algodão de África assim como do mundo, é inconcebível que não tenhamos algodão para pôr a fábrica a andar. Mas o facto é que por razões adversas ou porque o produtor está desorganizado o algodão que nós necessitamos nunca chega a tempo. Por exemplo, quando sua Excelência presidente da República veio nos visitar em Janeiro de 1990 a fábrica estava paralisada por falta de algodão. Em 1988 e 89 importámos algodão! Isso não pode continuar assim!** — afirmou algo emocionado o Engº Sousa Pinto. Tendo continuado — **nós não podemos estar sujeitos às dificuldades que surgem dada a avaria ou falha dos navios que trazem algodão de Pemba e Nacala enquanto temos milhares de hectares que são um património da Textáfria...**

Nesta linha de pensamento, a Textáfria de Chimoio começou a trabalhar no sentido de produzir o seu próprio algodão. No ano passado, fez-se uma plantação experimental numa área de pouco mais de trezentos hectares que devido às chuvas torrenciais que se fizeram sentir tiveram uma fraca produtividade, contudo, serviu para se colherem resultados técnicos no que se refere ao terreno, e a natureza

de adubos insecticidas e herbicidas necessários. Segundo aquele administrador da Textáfria, o início conheceu diversas dificuldades aliadas fundamentalmente ao problema do equipamento.

O projecto total, que abrange uma área de cerca de 7.500 hectares situados na "Quinta das Laranjeiras" há cerca de 15 quilómetros da cidade de Chimoio, está agora a conhecer uma destronca numa área de 1200 hectares.

A FIXAÇÃO DAS POPULAÇÕES

Para levar a cabo este empreendimento, a Textáfria conta fixar populações junto das áreas de cultivo para servirem de mão-de-obra. O Engº Sousa Pinto volta a usar da palavra: **a fixação da população no nosso projecto técnico-económico de desenvolvimento é óbvia pois o projecto só pode ter razão de ser se for acompanhado por uma**

melhoria das condições de vida das populações. Então vamos criar novos pólos de concentração da população nas áreas onde há perspectivas de trabalho. Segundo o nosso interlocutor, a Textáfria irá fixar aproximadamente 1200 pessoas na "Quinta das Laranjeiras" com apoio para a construção de palhotas, atribuição de áreas para as machambas familiares com barragens para irrigação, bem como água potável. A Textáfria irá

igualmente ajudar a população em questões sanitárias disponibilizando os seus enfermeiros e o seu médico em serviço no Centro Sanitário da Fábrica, na cidade de Chimoio.

Nesta fase, a prioridade para aquelas populações naturais daquela zona da província de Manica que fugiram devido à situação inimiga. São pessoas que estão muito dispersas e outras vivem nos arredores da cidade sem possibilidades de emprego.

SEGURANÇA? A TEXTÁFRICA TEM O SEU PRÓPRIO EXÉRCITO

Ao falar da questão do retorno das populações que haviam fugido devido à guerra o Engº Sousa Pinto colocava-nos numa situação tal que éramos forçados a indagar-lhe até que ponto a Textáfria garantia segurança para essas populações, ao que respondeu: **Neste momento apesar de esperarmos que a guerra termine a curtíssimo prazo, a área onde se desenvolve a cultura de algodão é uma área onde instalámos as nossas forças de auto-defesa que vão garantir a segurança da população e dos nossos bens.**

Efectivamente, conforme mais tarde pudemos constatar no terreno, a Textáfria tem um batalhão de soldados por si treinados, armados, fardados e até alimentados para a defesa do seu património. — **Até porque o próprio governo provincial acarinhou a nossa iniciativa e já foi visitar o local onde vamos fixar as pessoas na companhia de organismos da**

defesa e de representantes da população. — afirmou.

A RECUPERAÇÃO DA FROTA AÉREA

"Textáfria Aero-Transportes" foi a designação de uma empresa filiada àquela unidade industrial e que desenvolveu as suas actividades durante o período colonial. Uma vez chegada a independência nacional, com o vendaval das nacionalizações a empresa desagregou-se e as suas aeronaves ficaram por conta do Estado. O Engº Sousa Pinto faz um breve comentário: **Um dos nossos aviões foi como se sabe, abatido em 1978 salve o erro, e outros aviões de fumigações desapareceram e não sabíamos onde estavam. Entretanto, hoje já sabemos que um destes aviões está a operar na Beira e igualmente sabemos da localização de um dos nossos motores.**

O nosso interlocutor afirmou que neste momento a Textáfria está a envidar todos os esforços no sentido de recuperar a sua frota de aeronaves com a vista utilizá-la para efeitos de fumigações nas suas plantações — **No nosso projecto hoje estamos a mil e tal hectares, para o ano estaremos a três mil e iremos crescer mais porque a Textáfria tem terrenos em Nhamatanda e estamos a pensar em explorar o algodão no Mucumbezi. Isso implica, e já foi reconhecido pelo Governo, que temos que ser independentes em equipamento de fumigações. Se nós já o temos e sabemos que está disperso há que recuperá-lo e rentabilizá-lo ao máximo para o bem da economia nacional pois se colher agora só está a ser rentabilizado a trinta ou quarenta por cento. É nesta perspectiva que a Textáfria quer levar a cabo este projecto agro-industrial. Temos que produzir o nosso próprio algodão, sobretudo a qualidade que desejamos, pois não posso fazer com farelo o mesmo pão que faço com farinha** — afirmou.



A Textáfria vai contar com a população local para o projecto de produção de algodão